Resenha

Uma ciência moderna e imperial: a fisiologia brasileira no final do século XIX (1880-1889) de Ana Carolina Vimieiro Gomes

A modern and imperial science: brasilian physiology at the end of the nineteenth century (1880-1889), by An a Carolina Vimieiro Gomes

Márcia Regina Barros da Silva[1]

1
Professora de História das Ciências no Departamento de História – FFLCH / USP. Bolsista Produtividade do CNPq.

O presente livro é fruto de pesquisa de doutoramento e foi premiado como melhor tese dos anos 2011-2012 pela Sociedade Brasileira de História da Ciência - SBHC, esse prêmio permitiu sua publicação por um pool de editoras. O laboratório é seu tema. Mas como um laboratório vem a ser o que é? Como uma atividade se torna moderna, se ela não nasce necessariamente moderna?

Uma área em particular serve de caminho para acompanhar essas perguntas iniciais, a fisiologia. Não toda fisiologia, mas aquela que começava a ser praticada junto ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Ao analisar a constituição, as atividades, as realizações e os insucessos do Laboratório de Fisiologia Experimental a autora percorre os caminhos que fizeram com que os principais cientistas envolvidos na criação do Laboratório, João Batista de Lacerda, funcionário do Museu Nacional que depois veio a ser seu diretor, e o francês Louis Couty, atuassem juntos. Os dois médicos passaram a realizar em parceria esforços para a consecução do Laboratório e empreenderem trabalhos e estudos sobre a ação fisiológica do

veneno do curare e sobre os efeitos do veneno da serpente jararaca.

A eficácia das pesquisas realizadas foi o incentivo à criação do Laboratório de Fisiologia Experimental. O destaque de sua importância para a pesquisa brasileira foi o principal argumento utilizado no convencimento das autoridades para a necessidade e utilidade do Laboratório, criado em 1879.

De organização provisória à instituição permanente o Laboratório passou por diversas etapas. Aquisição de equipamentos, a definições de temas de pesquisa e os modos de praticá-las, assim como a aquisição de expertise, são todas etapas a que a autora recorre na busca por identificar 'os sentidos locais' da fisiologia ali realizada, demonstrando tanto a constituição quanto os limites do trabalho de institucionalização da fisiologia no Brasil.

Neste panorama outro ponto de interesse que o texto destaca é a questão da circulação dos conhecimentos produzidos e da legitimação destes em fóruns nacionais, e principalmente, internacionais. Como os fins 'estratégicos' da produção local da fisiologia, outras searas foram percorridas na busca por criar permanências. A partir de um momento, controvérsias e conflitos são recorrentes, refletindo, segundo a autora, acentos de desconfiança na comunidade local, que reproduzia atitudes existentes também na comunidade internacional; formas de disputa entre a clínica médica e as pesquisas experimentais e o uso do laboratório para assessorá-las.

Segundo a autora, de controvérsias quanto ao resultado de determinados experimentos, a ação terapêutica do permanganato de potássio contra o veneno de cobras, foi investida como ponto de discórdia de uma possível prevalência entre teoria e prática. Houve a partir dos espaços do laboratório, lugar de experimentação e de validação dos conhecimentos produzidos, um crescente descontentamento. Principal desacordo vindo de Couty, como aquele que discordava dos resultados, apresentados em fóruns nacionais e internacionais, especificamente na Academia de Ciências de Paris, e Lacerda o mantenedor da proposição de eficácia para o antídoto

recém-indicado. A própria fisiologia saia perdendo ante as contraposições da também nascente microbiologia na década de 1880, com suas diferentes práticas, causações e explicações. Para a autora a emergência da microbiologia, ou bacteriologia, relacionada à debelação de doenças infectocontagiosas, foi a responsável intelectual pelo fim das pesquisas em fisiologia experimental junto ao Museu Nacional e seu Laboratório. A morte de Louis Couty em 1884 foi, por seu lado, o ponto final nas referencias a trabalhos de fisiologia experimental ali desenvolvidos.

Todo o cenário construído por Ana Carolina, para discutir a ascensão da fisiologia experimental, visualizada como possibilidade de associar as noções de progresso e modernidade ao declinante sistema de governo do Império no Brasil, está fortemente sustentado pelo uso pertinente que ela faz da bibliografia.

O suporte principal da discussão da autora é o extenso uso de autores e trabalhos dos Science Studies. Ana Carolina utiliza amplamente os principais textos internacionais que caracterizaram a historiografia dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia contemporâneos, além de apresentar aquelas que se constituem as suas mais recentes, além também, das mais tradicionais publicações. Neste sentido a autora aparenta realizar na sua escrita a mesma trajetória de seus personagens, a validação internacional dos estudos locais. Há todo mérito nesse procedimento. Ele representa a abordagem que deu novo sentido aos estudos latino-americanos e nacionais quanto à existência de atividades científicas na América Latina e, portanto também no Brasil, em períodos cada vez mais precoces das histórias locais.

Os temas da mundialização das ciências europeias através do ocidente, ao invés e como crítica de seu simples espraiamento, que seria apenas a absorção lenta e progressiva de verdades, acertos e decisões da ciência e dos cientistas dos países centrais, é o que tem possibilitado a existência de um amplo contingente de historiadores das ciências dos países não europeus. Por todo texto vemos demonstrações de um esforço articulado de assentar os dados locais nesta perspectiva de troca de conhecimentos entre

instâncias de diferentes partes do mundo. Tal empenho historiográfico caracteriza a noção de circulação de conhecimentos como mais produtiva para garantir nossos entendimentos do que a aceitação pura e simples de fatos universais. É neste sentido que a autora demonstra que os dados do laboratório, sua linguagem e estrutura, podem estar entrelaçados com a prosa fina de Machado de Assis, por exemplo, a referendar o circuito que é científico e também social.

Uma questão que faltaria ainda enfrentar, e que não é somente do presente texto, mas de modo geral dos estudos brasileiros da área, é discutir mais ainda a noção de circulação internacional de conhecimento. Se por um lado a forma de entender a história das ciências 'periféricas' é nossa, da contemporaneidade, se somos nós que vemos a circulação como um caminho de duplo sentido, algo que sai da Europa, por exemplo a fisiologia experimental do século XIX, e que aqui é apropriada, reutilizada e reapropriada, algo ainda nos falta discutir.

Seguindo as conclusões de Ana Carolina vemos que o significado de apropriação é central em todo o seu texto:

Desta feita, constatou-se que a fisiologia oitocentista adquiriu sentido no país porque mediada, ou melhor, amalgamada à cultura científica brasileira daquela época e, por conseguinte, porque também contemplava os interesses agrícolas, econômicos e comerciais das elites agroexportadoras dominantes. (p. 144).

Em complemento os resultados das pesquisas brasileiras também fazem parte desse sentido de apropriação. Esse esforço é claro quando a autora indica que

Essa originalidade, para além de proporcionar identidade científica ao país e, assim, significativa notoriedade para a ciência nacional perante os fóruns científicos internacionais – especialmente na França –, fez da fisiologia experimental elemento importante no processo de desenvolvimento do Brasil de fins dos oitocentos. Símbolo de progresso do país. E é nessa

perspectiva que a concebemos como uma ciência moderna e imperial. (p. 144).

Associando a apropriação e a resignificação das ciências a que a autora alude, vemos que de certa forma nossas práticas e seus resultados tiveram que retornar à Europa como modo de confirmar sua originalidade, e ai sim se tornarem universais. E nesse quadro de enfrentamento historiográfico por um lugar ao sol da história das ciências o retorno à Europa fica pouco problematizado. A noção de apropriação é com certeza diferente de assumir que a ciência europeia por ser portadora da verdade que se implanta em todos os lugares, destituindo as práticas locais avessas à cientificidade objetiva, ora enfrentando resistências ignorantes e teimosas, ora se implantando com mais facilidade. Mas a circulação de conhecimento circula a ponto de intervir nas ciências europeias? O que das práticas locais se insurge daquelas ciências? Nós buscamos reconhecimento ou o que? Circular deveria ser um movimento de ida e vinda, e nessa associação ainda vemos pouco como as ciências e os conhecimentos locais modificam aqueles que se intitulam o centro. Apesar de tantos esforços continuamos com um universal de mão simples? Essa é uma pergunta que teremos ainda que nos esforçarmos por empreender.

Referências

Gomes ACV. *Uma ciência moderna e imperial: a fisiologia brasileira no final do século XIX (1880-1889).* Belo Horizonte (MG): Fino Traço; Campina Grande (PB): UDUEPB; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013.

Data de Recebimento: 01/09/2014
Data de aprovação: 10/09/2014
Conflito de Interesse: Nenhum declarado
Fonte de Fomento: Nenhum declarado